ESTRUTURAS URBANAS EFÊMERAS POPULARES EM FESTAS DE LARGO: LEVANTAMENTO HISTÓRICO ICONOGRÁFICO DAS BARRACAS DA FESTA DA CONCEIÇÃO DA PRAIA.

Maria Emilia Rodrigues Regina[1]
Erica de Sousa Checcucci[2]
Naia Alban Suarez[3]

Resumo
Este artigo discute o levantamento histórico exploratório e iconográfico realizado em diversas fontes sobre o universo construtivo das barracas de venda de comidas e bebidas da Festa da Conceição da Praia, em Salvador, Bahia, nos anos entre 1940 a 2018. Dentre as principais contribuições do trabalho, destacam-se a sistematização do sistema construtivo das barracas ao longo de aproximadamente 80 anos e a narrativa histórica do repertorio de imagens levantadas. Por meio da análise visual, sendo utilizada a categoria teórica da Cultura Visual para dar suporte a essa análise, constata-se a perda de protagonismo no cenário da festa, perda de identidade cultural do artefato a partir da padronização imposta pela municipalidade. Este trabalho faz parte de uma pesquisa doutoral em andamento no programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

Palavras chaves: Festas de largo; levantamento histórico iconográfico; estruturas urbanas efêmeras; arquitetura popular efêmera; Festa da Conceição da Praia.

[1] Prof. Assistente Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA / UFBA); doutoranda no programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU FAUFBA); arqmilaregina@gmail.com.
[2] Prof. Adjunta da FAUFBA; erica_checcucci@hotmail.com.
[3] Prof. Titular da FAUFBA; naialban@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Serra (2009), o que define as festas de largo de Salvador é a sua dimensão sagrada e profana, sendo que o profano só pode ser reconhecido como tal se este estiver em relação com o sagrado. As festas de largo estão associadas aos ritos católicos[4] brasileiros e se realizam na dupla dimensão templo sagrado (igreja) x área externa ao templo (largo), que vem a ser o modelo das antigas celebrações católicas populares europeias.

A festa da Conceição é realizada no Largo da Basílica da Conceição da Praia no dia 8 de dezembro, após um novenário que se inicia no dia 29 de novembro. Nesta Festa, estão representadas até os dias atuais, as características apontadas por Serra (2009): homenagem a um santo religioso; templo em festa para homenagear o santo; procissão; e festa no lado de fora do templo sagrado.

Para Eliade (1992, p. 79), as festas religiosas são atualizações das estruturas dos tempos sagrados; sendo o tempo sagrado sempre o mesmo, tem-se assim uma "sucessão de eternidades" que é ritualmente tornado presente. De acordo com Brandão (1989, p. 8) a festa é: "[...] uma fala, uma memória e uma mensagem um lugar simbólico onde, cerimonialmente, separa-se o que deve ser esquecido [...] e aquilo que deve ser resgatado posto em evidência de tempos em tempos".

Neste sentido, o aspecto de efemeridade que está contido nas festas de Largo durante o seu tempo transcorrido, é na realidade um rito perene na cidade. Carvalho (2016 p. 20) destaca que a festa é um rito transfigurador de apropriação da cidade de Salvador. O autor entende que, "[...] ritos de apropriação dos espaços seriam um conjunto de movimentos, gestos, procedimentos, atitudes, através dos quais determinados grupos de usuários exercem seus interesses em determinado território, em relação com outros grupos e com outros ambientes" (CARVALHO 2016, p. 20). O espaço urbano então é o lugar desses "ritos de apropriação", no qual as festas de largo se desenvolvem, e que não é inócuo às manifestações. Portanto, a festa dialoga com o espaço no qual ela se desenvolve.

As barracas de comida e bebida da Festa da Conceição são um capítulo importante na história dessas festas, de seus ritos festivos e de sua "transfiguração" no espaço urbano. Estas pequenas construções estão presentes nas festas de largo desde o século XIX (VARON CADENA, 2013). De acordo com Regina (2015), nas primeiras décadas do século XX, era solicitado a intendência municipal uma licença para construção de Barraca

[4] Em Salvador, também associado à diferentes matrizes religiosas.

para quermesse durante a Festa da Conceição da Praia. Com o passar dos anos, as barracas de comida e bebidas foram ganhando espaço e representatividade dentro das festas, tornando-se uma referência pelos produtos vendidos, por sua construção artesanal e sua expressão popular.

Tais construções populares, pelo apreço, referência e simbologia, são aqui classificadas de arquitetura vernacular efêmera, pois eram dotadas do caráter humano do fazer, do conhecimento popular construtivo passado de família para família, do afeto aderido ao nome e a sua representação em pintura, cor e tipografia.

De acordo com Gómez (2010, p. 137), não existe um consenso que defina todos os aspectos da expressão "arquitetura vernacular". O dicionário ilustrado de arquitetura de Albernaz (1997- 1998, p. 63), apresenta uma definição da expressão que se aproxima a "[...] construções de indígenas ou nativos feitas com materiais locais de acordo com técnicas e padrões tradicionais".

Estas barracas, que outrora representavam a expressão cultural local, hoje fazem parte de um sistema padronizado sem nenhuma marca da cultura da sociedade soteropolitana.

O objetivo deste artigo foi desenvolver uma análise visual cronológica crítica das modificações físicas que as barracas sofreram ao longo dos anos por meio da iconografia histórica, compilando e sistematizando as barracas da Festa da Conceição da Praia. Para realizar o estudo foi necessário recorrer também a imagens das outras festas de largo do ciclo festivo de verão em Salvador, já que os barraqueiros participam de diferentes festas ao longo do ano com a mesma barraca.

Para melhor apresentar este levantamento, que dá suporte à discussão deste trabalho, as imagens foram ordenadas cronologicamente a partir da década de 40[5] até a década de 2010. Com aproximadamente 220 imagens da festa da Conceição da Praia, e algumas da festa da Ribeira, as fotos foram agrupadas em um sistema de classificação. Ao final da apresentação das tipologias, apresenta-se a disposição delas no espaço urbano, ilustrando como elas transfiguravam o espaço público e como essa relação (barraca x espaço urbano) também influenciou nas mudanças físicas das barracas.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa doutoral em andamento que investiga a produção de modelos alternativos de barracas que leve em consideração a participação popular e que esteja consoante com as características culturais locais por meio da Fabricação Digital.

[5] Data das primeiras imagens catalogadas até o momento.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada foi do tipo exploratória. O levantamento histórico iconográfico foi realizado por meio da literatura especializada, em acervos históricos e pessoais com sujeitos envolvidos com o tema. Os resultados e os dados obtidos nesta pesquisa foram analisados de maneira a compreender as transformações ocorridas fisicamente nas barracas e identificar seus elementos característicos sendo utilizada a categoria teórica da Cultura Visual para dar suporte a essa análise.

Para Sérvio (2014, p. 197), cultura visual é um campo de estudos que está baseado nos conceitos de visualidade e visão, onde a (1) visão trata da percepção como operação física; e (2) visualidade trata da percepção como fato social. Enquanto a visão foca na parcela biológica da experiência visual, a visualidade trata da parcela cultural da experiência visual. Neste sentido, desenvolver estudos por meio de "uma cultura que é visual" tem como foco a dimensão visual desta cultura (SÉRVIO, 2014, p. 212).

Para a análise criteriosa com fins de conseguir informações do sistema construtivo, materiais e proporcionalidade das barracas, foram criados critérios de inclusão e exclusão das imagens analisadas. Os critérios de inclusão foram: (1) apresentar uma fachada inteira, ou até 80% dela; (2) em perspectiva mostrar até 40% da barraca; (3) possuir nitidez que permita ver os detalhes das barracas. As fotos que não se adequavam a esses critérios foram excluídas da análise.

3 SISTEMATIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS ESTRUTURAS URBANAS EFÊMERAS POPULARES

Foram identificadas 4 tipologias de barracas no período entre 1940 a 2018. É importante salientar que os tipos apresentados representam estruturas de barracas que funcionaram ao longo do tempo e são modelos que se adaptaram atendendo a situações diversas e se incorporaram ao longo dos anos nas festas (FIGURA 1).

Figura 1 – Síntese histórico visual das barracas da Festa da Conceição

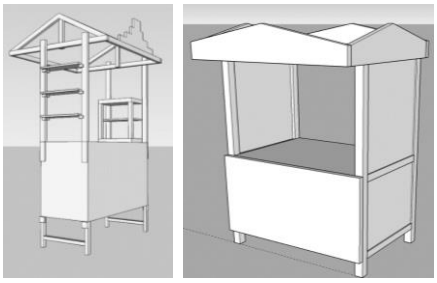
Fonte: Autoras, 2019.

Os tipos identificados são denominados como: 1. Barraquinha: 1940/1950; 2. Caramanchão: 1950/1980; 3. Balcão: 1960/1990; 4. Toldos: 1990/2018.

3.1 Modelo 1 - Barraquinha: 1940/1950

O modelo barraquinha é identificado nas décadas de 40 e 50. Este modelo se apresentar como pequenas estruturas em madeira onde são colocados os produtos à venda, como uma bancada que possui cobertura. A porção frontal deste modelo está dividida em três partes: balcão, vão aberto e cobertura. (FIGURAS 2 a 4). Os elementos compositivos superiores das elevações frontais das barraquinhas foram identificados como "frontões" fazendo uma alusão aos antigos elementos de coroamento de fachada situados na parte superior do edifício (ALBERNAZ, 1997/1998, p. 276).

Figura 2 – Modelos da tipologia Barraquinha



Fonte: Autoras, 2018.

Os frontões das barraquinhas da década de 50 já traziam os nomes das barracas, que aparecem com maior frequência nas fotos a partir da década de 50.

Figura 3 – Foto de barracas da década de 1940

Fonte: Verger, 1940 apud VARON CADENA, 2015.

Figura 4 – Foto de barracas da década de 1950

Fonte: Fraga, década de 50; Regina, 2015.

A Figura 5, década de 40, apresenta a ocupação das barraquinhas no espaço urbano da área da Basílica da Conceição da Praia pela festa, enfileiradas no lado do casario, cada uma lado a lado e ocupando a calçada da Rua da Conceição em meio a presença marcante da população na festa.

Figura 5 – Foto da Festa da Conceição e suas barraquinhas na década de 1940

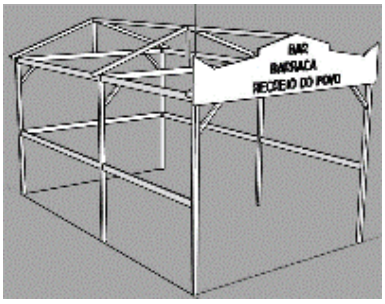
Fonte: Costa, 1940 apud Varon Cadena, 2015.

3.2 Modelo 2 - Caramanchão: 1950/1980

O termo caramanchão utilizado pelos barraqueiros, faz alusão ao elemento ao qual se refere, pois é rústico, "vazado", estruturado por um sistema de pilares e vigas em madeira. Segundo Albernaz (1997/1998, p.125), este termo refere-se a uma construção rústica feita em geral de entrelaçados de ripas de madeira ou até mesmo de ferro. Esta tipologia foi identificada a partir da década de 50 a de 80.

Este modelo apresenta rendas e tecidos estampados utilizados no vão da abertura de acesso e parte das laterais, além de uma grande mesa com bancos no interior que acompanham parte do comprimento das barracas. Por suas características depreende-se que o caramanchão desenvolve plenamente a função da barraca para venda tanto de comida como de bebida (FIGURAS 6 a 9).

Figura 6 – Modelo de barraca Caramanchão



Fonte: Autora, 2019.

Apesar deste modelo se apresentar desde os anos 50, passando pelos 60 e aparecendo nos 80 não foram encontradas nas fotos da década de 70 imagens que evidenciem a sua presença. Porém, outros indícios levam a supor que estas barracas também eram usadas nesta década e conviveram com a tipologia 3 (balcão) (FIGURAS 7 a 9). Em 2005, Dimitri Ganzelevitch, ativista cultural, marchand e produtor cultural, faz uma descrição das barracas de bebida e de comida da década dos anos 70 e 80 em um

seminário realizado no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, no qual descreve as barracas de comidas, e esta descrição se adequa com as configurações da tipologia de caramanchão:

> A fachada, totalmente aberta, levava no frontão o nome da barraca. Emoldurada por duas cortinas arrendadas e enfeitadas, uma longa mesa ladeada por dois bancos corridos. (GANZELEVITCH, 2005, p. 4).

Figura 7 – Barracas da década de 1950

Fonte: Verger, 1950.

Figura 8 – Barracas do final da década de 1960

Fonte: Memória, 1969.

Figura 9 – Barracas da década de 1980

Fonte: Gondim, década de 80.

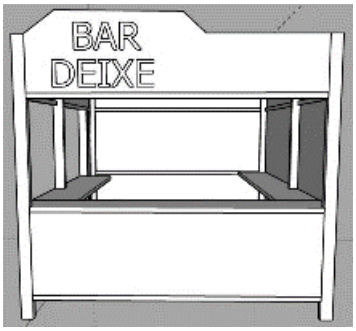
As Figuras 7 e 8 mostram como as barracas de modelo tipo caramanchão ocupavam o espaço urbano. A Figura 7 é da festa da Conceição na década de 50 e a Figura 8 é da festa da Ribeira no final da década de 60.

3.3 Modelo 3 - Balcão: 1960/1990

Este modelo é um dos mais retratados das décadas de 70 a princípios dos 90. As barracas deste modelo possuem três partes bem definidas em sua porção frontal, possuem

a frente do balcão pintado, vão de abertura e o "frontão letreiro", variando em forma, tamanho e cor, como ilustram as Figuras 10 a 14.

Figura 10 – Modelo de barracas da década de 1970



Fonte: Autoras, 2018.

De acordo com Pontes (2018), pelo cadastro realizado em uma peça de compensado de uma barraca dos anos 80 do acervo de Ganzelevitch, as dimensões do compensado eram: 0,98 x 2,20 m. Segundo Ganzelevitch em 2005, as barracas de bebidas tinham as seguintes configurações:

> A frente era dividida em três partes. Na menor, acima das outras duas, estava anunciado o nome do bar. Depois, mais abaixo, a parte do meio, que era levantada para abrir a barraca e baixava ao fechar, no fim da noite. [...] A parte mais baixa da fachada era geralmente também a mais decorada. (GANZELEVITCH, 2005, p. 3).

Algumas barracas possuem fechamento de vão, mas em outros exemplos são os próprios bancos das barracas que fazem o fechamento do vão (FIGURA 11), criando uma composição gráfica com os desenhos geométricos dos assentos dos bancos, o que inspirou inúmeras composições fotográficas por artistas e admiradores no Brasil e no mundo.

Figura 11 – Barracas da década de 1980

Fonte: Ganzelevitch, s/d; Gondim, 1980.

As barracas ficavam situadas nas calçadas da Rua da Conceição, da Avenida Lafayete Coitinho, e pelos arredores do novo mercado modelo. Estavam dispostas sempre enfileiradas, lado a lado, ocupando os dois lados da rua, essa ocupação parece variar conforme o tamanho da festa. As barracas da década de 80 parecem estar cobertas por uma lona. A participação da lona no cenário das barracas na festa da Conceição na década

dos 80 começa a ter um grande protagonismo, dada as dimensões apresentadas (vide diferenças ilustradas pelas FIGURAS 12 a 14).

Figura 12 – Barracas Balcões na década de 1960 e o entorno urbano

Fonte: A Tarde, 1969.

Figura 13 – Foto da Festa da Conceição e suas barracas balcão na década de 1970

Fonte: A Tarde, 1976.

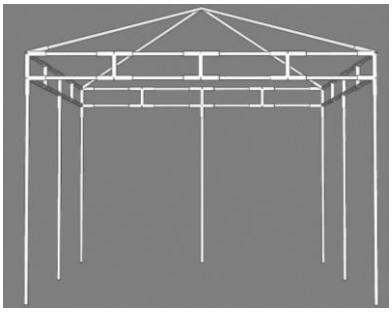
Figura 14 – Foto da Festa da Conceição e suas barracas na década de 1980

Fonte: A Tarde, 1986.

3.4 Modelo 4 - Toldo: 1990/2018

Modelo que tem por característica a separação da cobertura com o fechamento da barraca, é comum desde meados da década de 1990 até a atualidade (FIGURAS 15 a 19).

Figura 15 – Modelo tipo Toldo



Fonte: Autoras, 2018.

Alguns elementos das barracas anteriores resistiram e foram sendo colocados sobre o novo modelo recebendo a tradicional decoração com fitas, tecidos e pinturas de artistas populares (FIGURA 16).

Figura 16 – Modelos de toldos ao longo do tempo

Fonte: Tribuna, 2000; Karvak, 2000.

Nesta pesquisa, identificou-se que no começo este modelo dividia espaço com o modelo de Balcão que foi sendo substituído ao longo dos anos (FIGURAS 18 e 19). Com o tempo, este novo modelo sofreu variações nas cores das lonas e no seu tamanho, passando de 5 x 5 m em um primeiro momento para 3 x 3 m na atualidade, e substitui as barracas tradicionalmente construídas em madeira num contínuo empobrecimento da expressão cultural no cenário das festas.

Figura 17 – Festa da Conceição da Praia na década de 90

Fonte: Besnosik, 1990.

Figura 18 – Foto da Festa da Conceição e suas barracas na década de 2000.

Fonte: Vivas, 2004.

Na Figura 19, percebe-se o modelo de ocupação urbana das barracas tipo toldo nos últimos anos. Segue-se ocupando a Rua da Conceição da Praia não tendo contato visual ou operacional com a Lafayete Coutinho.

Figura 19 – Foto da Festa da Conceição e suas barracas em 2018

Fonte: Autoras, 2018.

Apesar das imagens serem apresentadas em horários e momentos diferentes, nota-se que a participação popular na festa caiu, e é percebido pela escassa quantidade das barracas no percurso da festa. Na Figura 17 e 18, vê-se o protagonismo das barracas na ocupação do espaço urbano, situação bem distinta da Figura 19.

4 ANÁLISE CRONOLÓGICO VISUAL: DO TRADICIONAL POPULAR AO UTILITÁRIO

Este levantamento identifica uma ruptura do processo produtivo das barracas da Conceição em meados da década de 90 alterando significativamente os modelos produzidos desde 1940, passando de uma arquitetura vernacular efêmera ao um utilitário funcional. A ruptura se apresenta essencialmente no material do novo sistema construtivo em metal e na forma da cobertura, que passa de 1 ou 2 águas (cumeeira perpendicular à frente da barraca ou paralela) para 2 ou 4 águas, em um modelo quadrado, tipo cobertura "copiar"[6] (FIGURA 15). Este modelo foi introduzido por intervenções Municipais nas festas (SALVADOR, 2001 e 2008). Os marcos regulatórios municipais alteraram o cenário das festas de largo e o componente artístico cultural desenvolvido até então.

Figura 20 - Ruptura do processo produtivo e compositivo, 1991 e 1998

Fonte: Costa, 1991 e Lima, 1998.

[6] Cobertura "copiar": nome dado ao telhado de quatro águas sobre construção quadrangular. No telhado de copiar, os quatros espigões componentes do madeiramento do telhado são iguais. Desse modo, nas antigas construções, dizia-se que para executá-los bastava "copiar" um dos outros (ALBERNAZ 1997/ 1998, p. 181).

A Figura 20 evidencia o contraste dos modelos. A foto da esquerda é de 1991, a estrutura da barraca ainda é similar a utilizada na década anterior. A foto da direita é de 1998, e se vê as barracas erguidas com o novo sistema de toldo.

É importante salientar que o modelo de toldo atualmente utilizado se apresenta confuso e improvisado, conforme pode ser visto na Figura 21. Há diversos tipos de fechamentos, variações no dimensionamento dos Toldos, nas bitolas da estrutura metálica, nas amarrações da estrutura, na altura, nas cores dentre outros.

Figura 21 – Improvisação e despadronização das barracas padronizadas da SEMOP

Fonte: Autoras 2018 e 2019.

Esse fenômeno nos remete as barracas das décadas anteriores, feitas em madeira e com materiais que poderiam ser facilmente encontrados nas serrarias ou por meio de reutilização. Parece que, atualmente, essas barracas estão sendo resolvidas também pela improvisação, só que com outros materiais, e sem produção artística popular sobre eles.

No quadro 1, são detalhadas as características físicas dos modelos apresentados nesta pesquisa.

Quadro 1 – Características físicas dos modelos das barracas

BARRACAS DE COMIDAS E BEBIDAS DAS FESTAS POPULARES					
CARACTERÍSTICAS CONSTRUTIVAS	DESCRIÇÃO	MOD. 1 Barraquinha	MOD. 2 Caramanchão	MOD. 3 Balcão	MOD. 4 Toldos
TAMANHO APROX.		?	?	2,20 X ?	5X5 3X3
COBERTURA	NÚM. DE ÁGUAS	1 ou 2	2	1 ou 2	2 ou 4
COBERTURA E FECHAMENTO	ÚNICOS	■	■	■	
	SEPARADOS				■
MATERIAL COBERTURA	LONA	■	■	■	
	LONA COSTURADA				■
MATERIAL BARRACA	MADEIRA	■	■	■	
	ESTRUTURA METÁLICA				■
CUMEEIRA	PARALELA A RUA	■		■	
	PERPENDICULAR A RUA	■	■	■	
ELEVAÇÃO FRONTAL	ABERTA		■		■
	DIVIDIDA EM 3 PARTES	■		■	■
FECHAMENTO LATERAL	EM TECIDO		■		
	EM COMPENSADO OU SIMILARES	■		■	■
AMARRAÇÃO ESTRUTURA	PARAFUSO	■	■	■	
	ENCAIXE				■
ELEMENTOS COMPOSITIVOS	FRONTÃO	■	■		
	FRONTÃO LETREIRO	■	■	■	
	LETREIRO	■	■		■
PINTURAS POPULARES	FRONTÃO	■	■	■	
	FRENTE BANCADA			■	
ELEMENTOS GRÁFICOS	TIPOGRAFIA	■	■	■	■
	ELEMENTOS GRÁFICOS GEOMÉTRICOS		■	■	

Fonte: Autoras, 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este levantamento fez um percurso cronológico pelo fazer das barracas da Conceição, desde quando eram objetos de arquitetura efêmera vernacular, descortinando uma sequência de modelos em madeira pintada que assumem protagonismo no cenário das festas e se tornam artefatos de significação cultural para a cidade de Salvador até meados da década dos 90.

O novo modelo da década de 90 apresenta uma abordagem diferente ao que vinha sendo desenvolvido por quase 50 anos no processo produtivo de fabricação das barracas. Os barraqueiros perdem o protagonismo na produção desses modelos e a prefeitura assume essa organização com o intuito de melhorar as condições de higiene e de segurança pública, adotando um sistema mais rápido de montagem e desmontagem, aspectos relevantes para a gestão das festas e sua repercussão urbana no cotidiano da cidade. Vão-se os linhos, as palmeiras e as rendas decorativas das barracas, apresentam-se os plásticos, os madeirites e o metal utilizados sem arte nem personalização.

Para tanto a prefeitura optou por uma padronização, seguindo um modelo de pensamento e atuação baseados na produção em massa de modelo único, próprio do espaço tempo desta ação. Não obstante, o modelo imposto enfrenta atualmente variações, com uma crescente improvisação em seus materiais e cores.

A partir do exposto, trazemos a luz o pensamento de Brandão (1999), onde a festa é um lugar simbólico e uma memória. Neste sentido, as barracas também são um lugar simbólico, assim o é por ser parte constituinte da festa. Ao ser simbólico também é memória, desse modo, ritualisticamente coloca em evidência o que deve ser resgatado e o que deve ser esquecido. Observando todo o percurso histórico realizado, estamos diante de elementos que precisam ser esquecidos e de elementos que precisam ser resgatados, como uma ação inexorável do tempo.

O pensamento de Brandão (1999) reforça o nosso entendimento de que é tempo de descartar a padronização e ir em busca de humanização, é tempo de retorno a uma barraca que evoque e expresse as características da cultura Soteropolitana, aceitando e absorvendo as conquistas realizadas no campo funcional. Devemos descartar e esquecer a lógica da padronização a todo custo de um artefato sem pertencimento ao homem, de um modelo único, sem pertencimento a uma cidade, a uma cultura, e encontrar soluções que dialoguem com a comunidade dos barraqueiros, com a comunidade administrativa e com a sociedade civil, adotando novos métodos de produção que se proponham a tornar esse diálogo possível e que apresentem multiplicidades de modelos, em resposta a cultura atual, complexa, multifacetada e coparticipativa.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, FAPESB, pelo apoio por meio da bolsa de pesquisa disponibilizada.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, M. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. vol.1, verbetes da letra A até I São Paulo: ED. ProEditores, 1997-1998.

A TARDE. Nossa senhora da Conceição da Praia, 1960. 8 dez. 1969. Fotografia. Disponível em: http://espelhodefesta.atarde.com.br/festas/nossa-senhora-da-conceicao-da-praia-1960/. Acesso em: 29 mar. 2019.

A TARDE. Nossa senhora da Conceição da Praia, 1970. 06 dez 1976. Fotografia. Disponível em: http://espelhodefesta.atarde.com.br/festas/nossa-senhora-da-conceicao-da-praia-1970/. Acesso em: 29 mar. 2019.

A TARDE. Nossa senhora da Conceição da Praia, 1980. 01 dez 1986. Fotografia. Disponível em: http://espelhodefesta.atarde.com.br/festas/nossa-senhora-da-conceicao-da-praia-1980/. Acesso em: 29 mar. 2019.

A TARDE. Nossa senhora da Conceição da Praia, 1990. 01 dez 1990. Fotografia. Disponível

BESNOSIK, W. [**Sem título**]. 1990. Fotografia. In: A TARDE. Nossa senhora da Conceição da Praia, 1990. 08 dez. 1990. Fotografia. Disponível em: http://espelhodefesta.atarde.com.br/festas/nossa-senhora-da-conceicao-da-praia-1990/ Acesso em: 29 mar. 2019.

BRANDÃO, C. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

CARNEIRO, R. [**Sem título**]. 1990. Fotografia. In: A TARDE. Nossa senhora da Conceição da Praia, 1990. 08 dez. 1990. Fotografia. Disponível em: http://espelhodefesta.atarde.com.br/festas/nossa-senhora-da-conceicao-da-praia-1990/ Acesso em: 29 mar. 2019.

CARVALHO, M. **A Cidade efêmera do carnaval**. Salvador: Editora da UFBA, 2016.
CASTRO JÚNIOR, L. **Festa e corpo:** as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas. Salvador: EDUFBA, 2014.

COSTA, F. [**Sem título**]. 1991. Fotografia. In: A TARDE. Nossa senhora da Conceição da Praia, 1990. 07 dez. 1991. Fotografia. Disponível em: http://espelhodefesta.atarde.com.br/festas/nossa-senhora-da-conceicao-da-praia-1990/. Acesso em: 29 mar. 2019.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRAGA, V. **Barraca de comidas típicas na Festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia 1952**. In: Pinacoteca exibe a Salvador dos anos 30 a 60 em fotos de Voltaire Fraga. Disponível em: http://entretenimento.uol.com.br/album/voltaire_fraga_pinacoteca_album.htm#fotoNav=1. Acesso em: 04 nov. 2014.

GANZELEVITCH, D. [**Sem título**]. s/d. Fotografia. Acervo pessoal.

GANZELEVITCH, D. **Barracas de festas de largo**. Anotações pessoais Salvador, 2005.

GÓMEZ M., ENRIQUE, J. **Vivienda efímera urbana**: ¿arquitectura vernácula?. Bogotá: 2010. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3416/341630316013.pdf. Acesso em 26 jan. 2020.

GONDIM, A. [**Sem título**]. [1980]. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10209786206550711&set=pb.1198115731.-2207520000.1572446589.&type=3&theater. Acesso em: 07 nov. 2018.

KARVARK, A. [**Sem título**]. 2003. Fotografia. Acervo pessoal.

LIMA, G. [**Sem título**]. 1998. Fotografia. In: A TARDE. Nossa senhora da Conceição da Praia, 1990. 07 dez. 1998. Fotografia. Disponível em: http://espelhodefesta.atarde.com.br/festas/nossa-senhora-da-conceicao-da-praia-1990/. Acesso em: 29 mar. 2019.

MEMÓRIA em película: festas na Bahia de Oxalá. Direção: Ronaldo Duarte. Salvador: TVE Bahia, 1969. 1 fita de vídeo (24:55 min), VHS, son., color.

REGINA, M. E. R. Reabilitação arquitetônica do conjunto histórico da Conceição da Praia: passado, presente e futuro. Dissertação (Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2015. 3 v.:il.

SALVADOR. **Lei nº 5880, de 10 de janeiro de 2001**. Proíbe a utilização de mesas e bancos de madeiras nas festas populares do município de Salvador e dá outras providências. Legislação municipal de Salvador, Salvador, BA, 2001. Disponível em: https://Leismunicipais.com.br/a1/ba/s/Salvador/Lei-ordinaria/2001/588/5880/Lei-ordinaria-n-5880-2001-proibe-a-utilizacao-de-mesas-e-bancos-de-madeiras-nas-festas-populares-do-municipio-de-Salvador-e-da-outras-providencias?q=%205880. Acesso em: 13 set. 2018.

SALVADOR. **Decreto nº 19.066, de 21 de novembro de 2008**. Dispõe sobre o exercício de atividades do comércio informal em logradouro público, durante as festas populares de 2008 e 2009 de Salvador, e dá outras providências. Legislação municipal de Salvador, Salvador, BA, 2008. Disponível em: https://Leismunicipais.com.br/a1/ba/s/Salvador/decreto/2008/1907/19066/decreto-n-19066-2008-dispoe-sobre-o-exercicio-de-atividades-do-comercio-informal-em-logradouro-publico-durante-as-festas-populares-de-2008-e-2009-de-Salvador-e-da-outras-providencias?q=19.066. Acesso em: 13 set. 2018.

SERRA, O. **Rumores de festa:** O sagrado e o profano na Bahia. Salvador: EDUFBA, 2009. 2. edição.

VARON CADENA, N. **A festa da Conceição da Praia**. Do jeito que o povo quer. Salvador, 2013. Disponível em: http://www.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2013/12/02/a-festa-da-conceicao-da-praia-do-jeito-que-o-povo-quer/. Acessado em: 07/12/2014.

VARON CADENA, N. **Festas de largo da Bahia**: Fé e Folia. Salvador: Edição do autor, 2015.

VERGER, P. [Sem título]. [1950]. Fotografia.

VIVAS, F. [Dia de NSra. Da Conceição da Praia]. 2004. Fotografia. In: A TARDE. Nossa senhora da Conceição da Praia, 2000. 08 dez. 2004. Fotografia. Disponível em: http://espelhodefesta.atarde.com.br/festas/nossa-senhora-da-conceicao-da-praia-2000/. Acesso em: 29 mar. 2019.